

J. POLVA

MUTAN

Produto comunicacional do curso de Jornalismo da Universidade Federal de
Ouro Preto (UFOP)

J. POLVA, 2020

Projeto gráfico, design e diagramação: Igor Lourenço

Orientado por: Prof^o. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça

O mundo que conhecemos acabou. Estamos vivendo em ruínas de um projeto de sociedade que não deu certo. No entanto, é tempo de construção. MUTAN é o espaço que criei para nossos corpos (bichas, dissidentes, LGBTQ+, racializadas, pretas e pretos). A projeção de novos mundos por meio da ficção e de nossos testemunhos de experiência.

Através deste trabalho construo um lugar onde possamos pensar estratégias de sobrevivência. Entre distopia e utopia. Destruir o que resta da distopia, para seguirmos para a utopia, com algo novo. Projetos e planejamentos renovados de mundo e sociedade.

MUTAN é contação de histórias, disputa de territórios, ficção e não ficção. Este livro contém testemunhos de pessoas LGBTQ+ que aceitaram narrar um pouco de si mesmos, sobre seus medos, anseios, traumas. Em paralelo, há contos que construí especialmente para nós. E também para nossos aliados. Pois a literatura é vasta, local de mutação e transformação.

Espero que você, leitor, possa se afetar de alguma forma (seja ela qual for). Use essa leitura da maneira que lhe apreciar. MUTAN é nosso encontro.

CONTOS

MUTAN	Pág 5
VERA	Pág 15
MEMBRANA	Pág 29
DORIS	Pág 40
OBSERVADORA ALIENÍGENA	Pág 53

TESTEMUNHOS

MUTAN #1	Pág 3
MUTAN #2	Pág 4
MUTAN #3	Pág 13
MUTAN #4	Pág 14
MUTAN #5	Pág 27
MUTAN #6	Pág 28
MUTAN #7	Pág 38
MUTAN #8	Pág 39
MUTAN #9	Pág 50
MUTAN #10	Pág 51

TESTEMUNHO

MUTAN #1

A morte perpassa o meu medo em um ponto específico: morrer sozinho. O luto, quando não compartilhado, é cruel e desumano. Tenho medo do abandono por parte daqueles que amo e ao encarar o eterno campo de possibilidades que é a vida sozinho me sentiria desamparado.

Penso que, parte desses pensamentos são em razão de uma estrutura social que nos coloca a margem e vê os desviantes como uma subcategoria de vida que não merece ser abraçada. Se sentir posto de lado nos seus últimos respiros só me deixa triste.

A vida foi feita para ser experienciada e a morte é a passagem para algo que não conhecemos. E, em ambos os momentos, gosto da perspectiva de ter uma rede de apoio. Vejo muitos casos de LGBTs abandonados pelas famílias e o que torna a situação mais triste.

Tenho medo da solidão. Medo do abandono. Mas principalmente de ser enlutado ainda vivo pelos o que eu amo ao negarem a minha existência.

TESTEMUNHO

MUTAN #2

Me descobrir lésbica é algo recente. Acredito que sou privilegiada pois não passei por situações que tenham me causado angústia ou tristeza. No entanto, percebo que tenho muita dificuldade de expor afeto e carinho em público.

Uma vez fui levar minha namorada na rodoviária, e ela quis me beijar, e eu fiquei sem jeito. Não beijei. Depois me arrependi. Fiquei pensando: qual é o meu medo? Porque não fiz?

Entendi que era o olhar das pessoas. De desprezo. Tinha muita gente na rodoviária e não gosto de ser o centro das atenções. Não fiquei bem quando percebi que a maioria das pessoas estava olhando pra gente.

MUTAN

No povoado de Itapema, existiu uma velha solitária que protegia as moças solteiras que eram expulsas de casa. Ela concedia abrigo, alimento e a coragem necessária para as mulheres retomarem o rumo de suas vidas. Alguns moradores e chefes de família atribuíam os recursos da anciã ao pacto com o demônio, porém as camponesas abandonadas sabiam que a força provinha de Mutan, nem demônio, nem deusa, mas a fluidez do desconhecido. Habitat da fêmea e do macho, espaço de tudo e nada. Ora explicado, ora confuso. Estranheza mutável, acoplamento de espécies, tribos e incômodos.

Mutan vivia nos bambuzais como parte da fauna, esperando ser invocado pela velha, atento aos sinais e desejos. A criatura não pedia almas em troca de favores, mas lhe apreciava que as moças o visitassem uma vez por ano.

Era comum ver várias mulheres que foram ajudadas por Mutan movimentando-se através dos bambus, de madrugada, com tochas empunhadas e canções proféticas como esta:

*E um dia ela irá voltar, decidida em comunhão
Com estórias sobre partir... E sonhos feito poeira
E quando a noite cai, o bambuzal se acende
E quando a noite cai, o bambuzal se acende*

Preta Silveira acordou no meio da noite sorrindo. Os olhos percorreram o quarto na cabana em busca de algo que nem ela sabia o que era. Sentiu o coração acalentado e uma vontade de chorar. Levantou da cama e foi até a cozinha beber água. A mãe, Maria Silveira, estava debruçada na janela, vigiando o terreiro.

- Tive um sonho... Com Vó Zula. - Preta disse.

- Foi é?

- Ela tava linda. O vestido azul, pérolas brancas no pescoço, pretinha que chegava a brilhar. Tocava o tambor num ritmo lento, depois cantou um pedacinho da Saudação de Itapema. Que voz linda! Veio e beijou minha testa, mandou lembranças e pediu pra gente fazer uma cova no terreiro. Bem grande, no centro. Cavar bem fundo, com esperança.

Maria fez o sinal da cruz, e em seguida, abraçou a filha.

Vó Zula era a falecida matriarca da família Silveira. Tinha vindo de um assentamento de terra e começado a vida no povoado de Itapema. Foi uma das primeiras moradoras que achou nascente de água limpa, e também perdeu a primeira cabana num incêndio. Criou os sete filhos com muito amor, seis homens e uma mulher. Eles foram morrendo um por um, afogados, bêbados, assassinados por guerrilheiros do mato, tristes. A única que sobrou foi Maria, a forte. Contadora de histórias, atenta, observadora.

- Tô feliz com esse sonho, mãezinha. É um sinal. - Preta sussurrou no escuro.

- E se essa cova for pra mim? Não posso partir agora. Tenho que proteger vocês.

A luz da lua iluminou a barriga de Preta. Ali jazia um feto de cinco meses.

- Vamo confiar na palavra da vó.

- Eu confio, mas tô com medo.

Durante três noites Maria vinha vigiando a casa, com uma espingarda na mão. A conversa no povoado era que os guerrilheiros iam passar por ali. Homens arruaceiros que queimavam cabanas, estupravam mulheres solteiras, roubavam comida e matavam crianças. A passagem deles era prenúncio de horror e sangue.

Maria acendeu uma vela e lembrou. A última vez que os guerrilheiros passaram por Itapema ela tinha sete anos. O capitão deles afogou as lavadeiras no rio, com crueldade, e determinou que as mulheres de cada casa servissem os forasteiros. Maria passou ilesa pois a mãe ordenou que ela se escondesse na floresta. Durante dias bebeu água da chuva, comeu frutas, brincou com os pássaros. Às vezes escutava os gritos das meninas que ficaram no povoado. Orou pra Iansã, como havia aprendido. Dormiu debaixo de um bambuzal, onde se sentiu acolhida por algo...

- Calma mãezinha. Temos que ter força. A senhora não me ensinou isso?

- Ensinei.

- Então. - Preta pegou o facão debaixo da pia e assumiu o lugar na janela.

Maria voltou a lembrar. Certa noite, quando ainda se refugiava na floresta, escutou alguém chamar seu nome. Teve medo. E se fossem os guerrilheiros do mato? Ficou quieta, abraçada aos bambus. Chamaram de novo. A criança levantou assustada, prestes a correr, no entanto, ao olhar para o bambuzal percebeu que os bambus se moviam sozinhos. Ela tocou o conjunto de bambus, e a medida que os acariciou, eles sacudiram em resposta.

O atrito entre os caules criou uma forma semelhante ao bicho-pau, porém mil vezes maior. Duas folhas formaram os olhos, e um pedaço de madeira seca, a boca.

A “coisa” emergiu do bambuzal lentamente. Longas pernas-bambu, braços-galhos desajeitados, tronco grande, asas. Maria encarou a criatura sem medo. No íntimo, sabia que estava sendo protegida. Qual seu nome?

- Vamos preparar a cova no terreiro. - Maria deixou a espingarda num canto, pegou duas pás, e apagou a vela. - Confio no seu sonho, confio na minha mãe.

A noite estava no ápice, a lua cada vez maior. As duas saíram para fora. Preta sentiu o vento frio bagunçar os cabelos, e seu bebê chutar. Fez carinho na barriga.

- Ce tá sentindo cheiro de pólvora e fumo? - A mãe perguntou.

- Não...

- O cortejo deles tá próximo. Precisamos cavar o mais rápido.

Maria pensou que seria mórbido estarem cavando a própria cova. Por mais que estivesse com medo, acreditava na mensagem de Zula. Não iria morrer. A cova seria para aqueles homens pois lutaria até o fim. A medida que cavavam, o suor escorrendo na testa, Maria rememorou a criatura. Chamava Mutan. Disse que tinha visto o sofrimento no povoado, a morte das mulheres, e que precisava ser invocado... Dessa vez pra sempre. A criança perguntou como, e Mutan entoou uma canção:

*Em toda lua cheia, a velha aparece
vindoura, certa*

Chama o raio, começa a dançar

Ela veio me visitar

Ela veio me visitar

Nós nascemos da velha. E morremos quando ela chamar.

O buraco da cova começou a ficar fundo. As duas trabalharam durante muito tempo, sem demonstrar sinais de cansaço. O propósito era não conseguir enxergar o fundo da cova. Continuaram firmes. A terra macia incrustou no pé, a poeira sujou as roupas, os braços ficaram dormentes e as mãos sangrando. De repente, um barulho de tiro.

- Eles chegaram na cidade. - Preta disse. - O povo vai fugir.

- Quem é forte fica.

A mente de Maria trouxe novamente as visões do aparecimento de Mutan. A criatura auxiliou no ritual, e ensinou a garota como proceder. Ela fez uma fogueira com os bambus, manteve a esperança e cantou junto. O fogo cresceu, e foi aumentando cada vez mais. Mutan revelou que estava feito, sendo assim, o povoado de Itapema podia descansar.

- Tá pronto. - Preta observou a grande cova no centro do terreiro.

- Como vó Zula pediu no meu sonho.

- Peço auxílio aos céus, pra gente ter força. - Maria fechou os olhos e viu Mutan acenando.

No passado, após o ritual da criança, os guerrilheiros foram embora. Maria voltou pra casa. Apesar de ter pegado afeto pela floresta, precisava voltar. A cidade estava um caos. Os homens tinham abrido muita gente na faca. Ela correu pra casa e encontrou Zula viva. Choraram juntas. A menina perguntou o que os homens fizeram, mas Zula nunca contou.

- O que a senhora tanto pensa? - Preta Silveira beijou o rosto da mãe.

- Coisas que aconteceu quando eu era pequena. Parece que tô vivendo tudo de novo...

- Ce sente falta daquele tempo?

- Eu sinto falta daquela noite... Na floresta... e da minha Zula.

Por perto, barulhos de tiro e gritos de desespero. O cortejo se aproximava.

- Vou pegar a espingarda. - Preta disse.

- Não precisa, filha. Agora é esperar.

Elas ficaram em silêncio encarando o buraco negro como se fosse um espelho. A cova parecia uma panela de barro. Ou talvez um portal. A escuridão era convidativa. Maria quase teve vontade de pular lá dentro e jamais voltar. Quem sabe não encontraria a mãe, ou Mutan.

O cheiro de fumaça ficou mais forte. Os guerrilheiros do mato estavam ali.

- Me abraça, mãezinha. - Preta pediu.

Maria enlaçou o corpo da filha, em seguida beijou sua barriga. Um grupo de homens se reuniu no portão de madeira. Eram eles. Uns vestiam roupas sujas, outros carcaças de animais penduradas nos ombros. Eles gargalhavam.

- De casa... - O chefe, um homem imponente, chamou. - Tem moça aí?

- Não. - Maria ficou na frente da filha.

- Tamo vindo da cidade. Os cabra aqui tá cansado. Tem água?

- Não.

- Precisa ter medo não, velha. Só um jarro, cada um toma um gole.

Ao falar, o capitão mostrou uma espingarda, avisando. Em seu rosto, cicatrizes de combates e sorriso malicioso. Os outros cercaram a casa.

- Já disse, não tem. - Maria apertou a mão de Preta.

- Pode negar tudo, menos água. Quem tá com fome? - Os guerrilheiros gritaram. - Tem cheiro de arroz vindo de dentro... Abre o portão que vai ter banquete.

- Não tem cheiro de nada. Vão embora! Aqui é casa protegida por entidade.

Maria encarou o chefe do bando com destreza. Não podia mostrar fraqueza, e sim, que lutaria até quando pudesse. Os homens zombaram da ameaça.

- Então a senhora é bruxa? - O capitão empunhou a arma e apontou.

- Magia negra é crime. - Outro homem, provavelmente o braço direito do chefe disse irritado. - Quem é essa moça aí? Sai da frente.

A voz de ódio assustou as duas mulheres, fazendo com que Maria arredasse pro lado, e Preta Silveira ficasse a mostra.

- Quem embuchou essa daí? - O capitão dos guerrilheiros perguntou depois de apontar a barriga de Preta.

- Foi forasteiro. - Maria respondeu com amargura. - Aqui não tem homem.

- É bonita. - O capitão riu para os companheiros. - Abre o portão!

Eles gritaram. Como as duas não saíram do lugar, uma parte dos homens chutou as madeiras do portão. Outra parte destruiu as vigas que sustentavam a cerca da casa. A escuridão da noite continuou a mesma. Os guerrilheiros do mato começaram a se aproximar delas, até que o chefe viu a grande cova.

- O que é isso? - Perguntou admirado.

- Nosso trabalho. - Maria respondeu.

- Vai esconder tesouro, velha? Ou tá preparando seu caixão?

- Não se aproximem!

Maria ordenou com toda sua força. Sua voz ecoou alto e assustou os homens. O chefe dos guerrilheiros apontou a espingarda para o rosto de Maria, prestes a atirar. Naquele momento, um grunhido surgiu de dentro da cova. Começou como um choro agudo, de lamento, e então mudou para clamor. As mulheres avistaram fogo e fumaça. Em volta, o ambiente se aqueceu. O buraco não era uma cova. Era um caldeirão. Bolhas de água fervendo começaram a borbulhar e depois explodir. Ruídos aquáticos irromperam no ar. Como o reencontro de conhecidos, Maria lembrou: Mutan.

- Minha nossa senhora... - Um dos guerrilheiros sussurrou.

O capitão foi enlaçado por uma mão gigante em chamas. A figura de Mutan dentro da cova tinha cinco metros. O corpo da criatura abrigava pedaços de carne, ossos formando braços, longas pernas-bambu, asas enormes, brilhosas, pretas. O rosto era deformado, como se houvessem jogado ácido. Os olhos escorriam expressivos, nariz torto, boca salivando sangue.

Após deteriorar o líder do bando, Mutan atirou pedras de lava nos outros homens. Um por um eles foram caindo e queimando. Gritos de súplica foram ouvidos, e logo depois cessaram. Todos morreram. Mutan olhou o céu. Um único raio desceu certo, em direção à terra. As mulheres precisaram fechar os olhos pois o brilho era incandescente. A cabana tremeu com o impacto. Quando conseguiram olhar, a criatura tinha ido embora.

- Oh Mutan... - Maria ergueu as mãos em agradecimento.

Mãe e filha se abraçaram sorrindo e caminharam para dentro de casa.

As cinzas dos guerreiros foram embora com o vento.

No final daquela noite, sonharam com Zula de Itapema, vestida de azul, o tambor entre as pernas e na boca canções de acolhimento.

Lua luar, recolhe minha menina

as cirandas das yabás

Rodopia, rodopia

Muitos anos depois desta noite, quando a filha de Preta Silveira já tinha se firmado moça, e o povoado de Itapema crescido, Maria sentiu que ia morrer. Se despediu dos moradores. Contou a história das duas aparições de Mutan pela vigésima vez. Uma quando era pequena, na floresta. E a outra junto da filha. Os conhecidos saudaram a velhinha e prometeram repassar o caso para as futuras gerações. Mutan nasceu da velha, a velha renasceu de Mutan. Nós nascemos da velha. E morreremos quando ela chamar.

Maria saiu da cabana e foi para o bambuzal. Quando chegou, os bambus se encheram de chamas. Era como se o mundo estivesse acabando em fogo. A forma de Mutan dançava nas labaredas em uma espécie de cerimônia celestial. Surgiram gritos abafados de espíritos de mulheres. Elas engoliram bolas de fumaça e cuspiram raios. Em frente ao rito, Maria sorriu. Cânticos antigos começaram a soar. Eles falavam sobre destino, lar, força.

Maria se aproximou das chamas. As labaredas intensificaram, engolindo cada vestígio do bambuzal, chamando para o encontro. A dança de Mutan continuou por algum tempo.

A velha avistou o bambuzal pela última vez. Com lágrimas de felicidade e confiança, adentrou o fogo, e nunca mais voltou.

TESTEMUNHO

MUTAN #3

No começo das minhas experiências como gay, eu marcava de encontrar com homens por aplicativo. Às vezes nem via o rosto do cara, só entrava dentro do carro no local combinado e ia. No motel, o cara não te beija, não faz um carinho. Só te coloca pra fazer oral nele, depois te põe de quatro e penetra. Eu sentia que a penetração era mais violenta. Tanto que já falei que estava machucando e o cara respondeu: É disso que você gosta, num é viado? Eles usavam palavras tão agressivas na hora do sexo, que eu entendia que era uma abominação, que eles podiam me humilhar.

Teve uma vez que saí com um cara que me colocou de quatro e socou de uma vez, sem lubrificante. Sem nada. Doeu tanto, e pedia pra ele parar, e ele me segurava e não parava. Não fiz nada porque achava que aquilo era sexo. E também por medo.

Só eu e ele dentro do motel, ele podia me bater e me deixar ali. Ou algo mais pesado.

TESTEMUNHO

MUTAN #4

Depois que me formei na Universidade, e posteriormente participei de uma residência em um veículo de Jornalismo, percebi que muitos LGBT desse meio, principalmente em televisão, se anulam para continuar existindo na profissão.

Esse é um medo, de ter que anular quem sou para conseguir trabalhar. Por mais que minhas relações sejam privadas, infelizmente elas acabam influenciando minha vida.

Nós LGBT estamos sempre vulneráveis a piadas e ameaças. As pessoas leem uma imagem que é mais ligada ao feminino e se sentem no direito de mexer, provocar.

VERA

Minha história começa e acaba nestas folhas. Vida e morte. Luz e sombras.

Quando eu era pequeno, meus pais me expulsaram de casa por ser afeminado demais. Mamãe estava cansada de ter um filho que roubava suas maquiagens. Sozinho no banheiro, depois de me masturbar pela primeira vez, peguei o batom dela e passei na boca. Em seguida, coloquei uma calcinha que estava no cesto de roupa suja, passei um resto de pó compacto no rosto e fiz uma camisa de peruca. Diante do espelho percebi que eu não parecia com as divas da época, porque tinha a pele preta. Dobrei duas músicas, imaginando outro corpo, outra vida. Um lugar repleto de luzes, aplausos. Vera! Vera! Eles gritavam meu nome. Meus seios fartos balançavam no ritmo da dança. Eu era amado.

Fiquei o dia todo na rua pedindo esmola, até que Tio Jorge me levou pra sua casa e deitou perto de mim pela primeira vez. Fazia muito calor naquele dia, mas ele insistiu que a gente devia ficar debaixo da coberta. Senti o pau dele encostando em mim e comecei a tremer. Aconteceu outras vezes. Ele dizia que se eu quisesse um lar, tinha que dar direitinho. Depois de muito alisar meu corpo quase sem pelos, Tio Jorge disse que eu estava pronto. Numa tarde de domingo, me colocou de quatro na cama, cuspiu no pau e penetrou. Senti uma dor horrível. “você aguenta”, ele disse. Quis gritar porque estava doendo muito e Tio Jorge continuou. Pedi pra tirar sem ter resposta. No final, me vesti e saí sujo de cuspe. Correndo para o mundo.

Não tinha nada a perder e nem a ganhar. Andei pela estrada, praguejei maldições para as pessoas que me humilharam na vida. Como os garotos da escola. Preto e bicha. Foi do que me chamaram quando entrei na quinta série. As meninas da sala me protegiam desses arrogantes, mas dentro do banheiro masculino eu era chutado. Olha o macaco fedido. O viadinho. Anos depois, quando tomei coragem pra ficar com um homem, acreditei que ele seria como um príncipe, mas ele foi como o Tio Jorge. Me levou para o motel e fez com violência, depois me deixou duas quadras antes da minha casa e prometeu que ligaria de novo. Mas nunca ligou.

Não existe justiça nesse mundo, mas existe reparação. Ao fim das estradas, farto das lembranças, amargurado com a vida, encontrei ela. Mãe Cida. A maior travesti da cidade. Ela me tomou nos braços e

beijou meu rosto. Pediu que eu escolhesse meu nome, porque estava renascendo. Respondi Vera. Um nome forte. Fui gerado na luz de Cida, em um parto de várias cores. Olha o que me tornei... Se posso, todas podem.

Este foi o começo. E agora é meu fim.

#Noite de sábado, agosto de 2009.

Acabo de ter um pesadelo. Estou sentada no banco de uma igreja. Os coroinhas carregam a imagem de São José até o altar. Fiéis estão gemendo. Quero sair daqui, mas estou presa em correntes. Eles me arrastam e me fazem ajoelhar perante a imagem. Olho pra cima. São José aumenta de tamanho. E vai crescendo cada vez mais. As vozes dentro da igreja estão subindo pelo teto, agredindo as paredes e vazando. O tom se torna uma ameaça crescente em timbres assustadores. Quem está aqui comigo?

O santo agarra meu pescoço e aperta. Ele é gigante. Estou sendo destroçada. Sinto meus ossos quebrando enquanto todos julgam. A cena muda. Agora observo de longe.

São José me partiu ao meio, deu meus pedaços aos fiéis... E eles me comem.

#Domingo, 2009.

O mundo virado ao avesso, os escrúpulos ao chão e vocês aí, bocejando.[...]

É como se cada música não fizesse sentido. Ou eu grito ou me calo, não existem exceções nessa casa.

#Algum dia em que Ana foi sincera.

Ana pediu que eu parasse de mendigar afeto. Retruquei possessa.

- Eu não mendigo afeto.

- Mendiga sim amiga. Você é a pessoa mais idiota que conheço.

- Idiota é ele que não me quer. Eu aqui, eles lá. Mundo cão.

Foi assim que a ansiedade tentou entrar, mas eu ri tanto da cara dela por causa da roupa vermelha e verde. É natal? Perguntei. Ela olhou meu xadrez com estampa e disse: Por isso que ninguém te quer. Sou auto-suficiente. Se escreve assim? Quem ela pensa que é? Se bem que somos

próximas. Falei que merecia algo melhor. Ana riu e disse sistemática: Isso é egoísmo. O mundo não gira em torno de você.

- Mas ele não quis dividir a cama comigo, jogou os cds na minha cara, fez lágrimas caírem, riu das minhas tentativas de ser engraçada. Deixa. Migalhas ficam no chão.

- Todo mundo realmente detesta ele. Olha a calça. Olha o prato. Olha a prepotência.

Ana falou que só de mencionar ele era desespero de travesti solteirona.

#Meu trabalho.

Ser operadora de telemarketing me permite estar escondida dos olhares. Através da ligação sou mulher, branca, bonita e privilegiada. Assumo personagens com vozes doces e coração frio. Eles me respeitam. Na rua é diferente. Se vou ao banco, sou puta. Se estou no supermercado, sou a garota de programa usando o salário. Se abro a boca, quero dar.

Não tenho ninguém.

É difícil reprimir a crença do desamor, de que nunca serei amada, de que não mereço alguém especial. É difícil se sentir bem.

Sinto um pesar no corpo...

#Quinta-Feira chuvosa.

Vez ou outra o sentimento de inadequação irrompe em mim de maneira avassaladora. É tão forte que perco a noção de quem sou, ou do que estou me tornando, ou do que quero me tornar. Esses dias tem sido assim. Infinitos questionamentos sobre coisas bobas, por exemplo, porque escrevo? ou coisas mais sérias, porque estou neste trabalho? Porque viver isso... na verdade, porque viver?

#Ana

Minha melhor amiga está morando comigo.

Nós duas gostamos do natal e combinamos de decorar cada canto da casa. Já imagino dezembro. Eu falando sobre como o forro branco trará prosperidade e ela que as pessoas devem estar bem arrumadas. Tiramos uma a outra no amigo oculto. Eu ganho uma xícara maravilhosa e ela sabonete Natura. Será meu primeiro natal de verdade.

Todas as garotas da rua irão dizer coisas boas e todos vão se abraçar (exceto a Cibele).

A Kiki irá trazer um salpicão gostoso, cheio de azeitonas. Maria trará sobremesa de chocolate. Bruna o prato diferente, com uns pedaços de frango, que deu errado. E até mesmo minha irmã (que nunca traz nada) vai montar uma mesa de frutas. Muito bonita. Cheia de laranja! Irei pegar a mão de Ana na hora das preces e de olhos fechados pedir que seus sonhos se realizem. Aperto um pouco e sinto a energia. Te amo.

Ana, existem 7 coisas que irão te definir no natal:

1. Sua roupa sempre estará impecável.
2. Seu sorriso nas fotos é o que mais chama atenção.
3. Ninguém gosta das suas músicas.
4. Você sempre irá ceiar duas vezes (a segunda é escondido).
5. Todo mundo ri dos seus casos.
6. Você não ri dos casos de ninguém.
7. Seu abraço é sem graça.

Quero passar mais tempo com você. Quero ficar ao seu lado mesmo sem ter o que falar. Indicar mais séries que você nunca vai ver. E mais músicas que você nunca vai ouvir. Quero te dar um presente que signifique algo. Continue sendo essa pessoa maravilhosa. Cheia de defeitos. Cínica. Crítica. Debochada. Irritante. Não vejo a hora de passar esse natal com você. Podemos fazer algo diferente. Qualquer coisa. Só passe comigo.

#Sexta-feira ensolarada.

Será que consigo gozar com a força do pensamento? Gozar é importante, só que estimular a capacidade artística também é. Sinto que preciso gozar muito. Gozar agora, mas estou com preguiça de ir ao banheiro, acessar os melhores takes sexuais na mente, pra cima pra baixo, cinco minutos e nada. Nem um dedo amigo no cú. Se bem que abrir a boca numa careta gigante estimula o tesão. Credo que estranho isso. boca, careta, gigante, tudo na mesma frase. Parece um trecho de livro de terror pra descrever o monstro da história. Se bem que tenho um pouco de monstro. Meu nariz é feio. Logo eu que amo nariz. Tenho tesão em nariz grande. Será o nariz... o inconsciente do pau? Escrever esse parágrafo tá começando a dar tesão... Vou tentar.

7 minutos depois.

Consegui gozar usando apenas fantasias sexuais. Dessa vez não teve a chupadinha que eu dei em 2005 ou o abuso sexual que sofri. Ponto positivo.

#Final de agosto, 2009.

Eu vim para ser amada. “Mas nem Jesus agradou a todos”. Vai se fuder! Não nasci nesse redemoinho pra ficar sofrendo.

A cartomante disse que vou ter que lutar muito pra conseguir o que quero.

#Noite de terça-feira, novo pesadelo.

Um monstro veio ao pé da minha cama e disse que meus pais haviam morrido num acidente. Que foram levados para um lugar horrível, cheio de pedras e escuridão. A criatura abriu um sorriso sangrento e mostrou um livro. Assine e venha. Se recusar irei levá-la. Tento levantar, mas ele me enforca. O rosto perto do meu, os gritos. É um velho rindo. Aos prantos aceito a proposta. Tô aqui debaixo da cama, minha filhinha.

Ele se esconde.

Acordo gritando. Na soleira da porta uma sombra encostada acena. Ana! Ana não está.

#Último dia de agosto.

Eu não tenho o coração puro. Ninguém tem.

Tenho desejos sexuais com homens fortes, grandes, maus.

Me vejo sendo rodeada por vários homens, de várias nacionalidades. Um deles fala alemão, o outro me xinga em espanhol, e tem aquele da Hungria que penetra com força.

Quero ser devorada por eles. Ganhar energia e beleza a cada penetração. Imagino um quarto vermelho, todos eles têm narizes retos e grandes.

O pênis de todos ultrapassam a realidade. São grossos. Não consigo colocar na boca, mas me esforço. Imagino tapas fortes na minha bunda, gemidos altos, frenéticos, bem altos. Cada buraco sendo preenchido de porra. Eu quero mais. E mais homens. Negros, brancos, asiáticos.

O reflexo no espelho mostra que meu cú foi arrombado. Estou molhada. Meu gozo é por tudo.

09 de setembro.

Carrego inúmeros fardos, de tamanhos variados. A medida que o tempo passa, eles vão pesando mais. Suplico a redenção, no entanto, a culpa toma conta.

#10 de setembro.

Estava voltando do meu trabalho de madrugada quando um homem tentou me matar com uma faca. Ele gritava traveco e outras coisas. As pessoas do bar riram quando passei correndo.

Eles querem acabar comigo... Mas não sabem que já me mataram. Roubaram minhas crenças de mundo bom, destroçaram a estética da beleza. Quem nasceu foi Vera, a mulher transformada, que habita meu corpo e traz paz. Enquanto ela estiver presente, não há gatilho que me assuste. Estou abalada, é claro. Miram em mim. Miram em nós. Mas não irei me render. Se passei pelo pior dia da minha vida (quando fui expulsa de casa) consigo passar por esse. Ferida sim, por todas as marcas das violências e dos assédios, no entanto, ainda existe vida aqui dentro. Jamais aceito o fim por apatia...

Mesmo com medo, luto. Mesmo cansada, luto. E quem acredita em mim sou eu mesma!

#13 de outubro.

Às vezes parece que tudo vai dar errado, mas entendo as transições. Esse horror é um dos últimos testes de resistência para as minorias. A partir daqui nascerá um grupo unido. Será quase impossível nos oprimir depois que tudo isso passar. Bem no fundo os opressores sabem que o reinado está por um fio.

“Nós nunca, nunca mais, daremos à luz homens violentos” Disse Anohni.

A terra está gritando. A escória irá acabar, desaparecer. Não vou me abater com essa onda de ódio porque quero estar viva. A arte é a solução de me manter aqui. A poesia das coisas simples estão me reerguendo.

#27 de outubro.

Odeio a virilidade, mas anseio homens inescrupulosos no sexo. Odeio a virilidade, mas anseio o pau dono do mundo. O falo central. Por quê?

Penso na travesti como a evolução do sexo. Em meu corpo as partes ditas masculinas e femininas parecem abrigar a liberdade.

#28 de outubro.

Eu e Ana tivemos nosso primeiro desentendimento. Disse que não aceito que ela traga clientes pra cá quando eu não estiver aqui. Meu trabalho já é pesado, evito problemas em casa. Ela concordou, mas ignorante. Falou que me acho por ter um trabalho de carteira assinada, e que no fim somos todas iguais. Somos para eles.

#29 de outubro.

Ana está ficando com um traficante perigoso, que paga o seu aluguel, mas que também a agride. Se eu pudesse fazer algo...

#Outro mês.

Queria escrever mais. como antes, quando gastava inúmeros cadernos com histórias. De fato eram apenas plágios ou interpretações mesquinhas de contos já existentes, mas me fazia tão bem aqueles momentos. minha mão pulsava. Hoje a autocrítica é tão cruel que nem consigo escrever aqui. Tudo parece amador, feio, sem jeito ou encanto.

#07 de novembro.

Perdi o chão. Parece que meu corpo não quer reagir mais. Cansei de tudo. De tudo. Mas é um cansaço regado a raiva. Um profundo desprezo pela vida cheia de regras, pela religião, pelas pessoas, pelos pecados.

Um sentimento de desamparo e desesperança no mundo.

#14 de novembro.

Ana foi presa em uma emboscada. No trabalho não pude intervir. Os vizinhos disseram que o traficante

consegui fazê-la assumir a posse das drogas. Quando cheguei na delegacia, ela chorou muito. Me segurei pra não desabar. Tudo mudou tão rápido.

#15 de novembro.

Minha amiga não tem direito a fiança, mas ao menos ficará na parte chamada “degenerada” da cadeia, onde jogam as travestis e homossexuais. Ana está um trapo e com medo. Os policiais fazem todo o tipo de barbárie. Isso é um pesadelo de verdade.

Minha ficha ainda não caiu. A sentença será dada daqui 1 mês.

#16 de dezembro. Não haverá natal.

Ana foi condenada a um ano de prisão.

Não admito que as coisas acabem dessa forma. Lutar por Ana é como lutar por mim, pela minha sobrevivência. Se eu desistir dela, desisto de tudo.

Meu maior sonho é sua liberdade. É a coisa que mais almejo. Só existe sentido na vida por causa disso. O resto é resto. Não tem importância. Ana é a pessoa que mais amo.

#19 de dezembro.

Acabo de ouvir batidas na porta. Fui abrir e não era ninguém. O quarto está escuro... E a mão da sombra está saindo de debaixo da cama. Unhas pontudas espertam meu colchão. Ele veio me buscar.

#20 de dezembro.

Alguém está me chamando desde ontem e quando olho... Nada. Só que agora aconteceu algo surreal. Escutei meu nome vindo do banheiro, caminhei rápido até lá e vi um velho terminando de pular a janela. Antes de sumir, ele tirou a dentadura e jogou em mim. Da janela não passaria um bebê.

#22 de dezembro.

Estou confusa em relação aos meus sentimentos. Hoje foi minha primeira visita depois que Ana foi sentenciada. Deu tudo certo na medida do possível. É claro que recebi olhares, mas estou acostumada.

Em nossa conversa constatei que anseio viver uma vida ao lado dela. Amo seu sorriso de um jeito diferente... Aprendi a admirar seu corpo cheio de hormônio... E seu olhar perdido.

#23 de dezembro.

Desde que voltei da visita à Ana tenho me sentido muito sozinha. O dia foi horrível. Me senti abandonada. Peço aos céus uma amiga por perto, alguém pra conversar sobre minhas dores, que me faça bem.

#24 de dezembro. Véspera de natal.

Estou deitada no quarto escuro. A sombra está ao meu lado. Quanto mais choro, mais ela ri. Disse que tem uma surpresa pra mim. Vejo imagens de Ana na cela da prisão, os carcereiros jogam pedaços de frango para eles. Tô com muita fome, ela suplica, mas os outros prisioneiros não a deixam comer.

Desisti da ceia. Minha noite acabará em lágrimas.

#25 de dezembro. Natal.

Não consigo dormir.

Meu peito está doendo muito.

Desde ontem estou tendo pensamentos intrusos que dizem que irei me matar.

Tento afastá-los de minha mente com muito esforço, mas por ser algo que eu nunca pensaria, a cada segundo meu cérebro o traz à tona. É como se cada vez que o afastasse, ele ficasse mais furioso. Esse pensamento não é meu. Eu não o pedi.

#A carta.

“Minha amiga, se receber essa carta, é porque não vamos nos ver mais. Tentei de tudo, só que este lugar é quase imbatível. Tô cansada da tortura. Queria tá junto de você, pra ti abraçar, mas a vida segue.

Eles me venceram, mas lutei muito antes do fim. Acredito que nada foi em vão. Não busque meu corpo, será um sofrimento. Eles vão desaparecer comigo, mas minha memória fica com você. Tô aqui no escuro. Desculpe te deixar. Fique bem.

Com amor, Ana.”

#O novo ano. 2010.

Deitada na cama, penso sobre o fim.

Ninguém reclamou a morte de minha amiga. Não saiu nos jornais, não teve investigação.

É como se Ana nunca tivesse existido. Fui sua única família, e ela a minha.

Minha irmã. Mãe. Amante.

Dói não saber o que aconteceu ou quais foram suas últimas palavras. Ela almoçou naquele dia? Conversou com alguém? Chorou?

Ana sempre foi a mais forte. Pra ter feito isso sofreu muito. A prisão não é seu lugar.

Agora está livre. Morta, mas livre.

Há dias tento fazer algo, gritar, pedir ajuda, seguir... Estou sem forças.

#Mutan.

No auge da tristeza, supliquei socorro. Pensei que as sombras voltariam, mas quem veio foi uma criatura monstruosa... E bonita. Ela parecia anjo, animal e humano. Suas características mudavam à medida que se aproximava da minha cama. Primeiro celestial, com as asas pretas abrindo. Depois estranho, o rosto deformado. E por último acolhedora, segurando buquês de rosas brancas. Perguntei seu nome e a criatura disse: *Mutan*. Vinha do lugar onde caiu o primeiro raio e a língua tinha sido esquecida. Soube que seu poder afasta as sombras pra sempre e que Mutan aparecia quando pessoas como eu suplicavam. *Mas eu te chamei? Sim... Estou sempre contigo, do mesmo modo que estava com Ana*. Senti saudades pois havia passado muito tempo.

Mutan colocou algumas flores na cabeceira da cama e outras no meu pé. Seus passos deixavam um traço de sangue escuro no chão. Lá fora chovia muito. Pedi um copo d'água, e a criatura me ajudou a beber. Em seguida, me cobriu com o lençol e acariciou meus cabelos. *Você não tem medo de mim?* Perguntou. Falei que não. Via beleza na feiúra. Encanto na deformidade.

Você é a única que veio saber como estou. Agora posso falar das tristezas sem culpa. Abaixo a guarda e choro. Por Ana, por tudo. Mutan diz que ela está bem, que sorri muito. O lugar onde moram não é o paraíso. Não existe paraíso. É apenas um lugar onde todas estão juntas. Peço para ver. A criatura abre a cortina, o brilho dos raios ilumina o quarto, o vento da chuva me refresca. *Olhe para o horizonte, Vera.* Olho e vejo minha amiga acenando. Seu rosto está lindo... O sorriso amarelado. Nos lábios as palavras te amo.

Mutan conta que lá é “natal” todos os dias. Não no sentido religioso, mas na união. *Nos juntamos para tudo. Uma ajudando a outra.* Meu coração está batendo lentamente. Estou calma e um pouco feliz. As rosas tem um cheiro bom. Quero escrever sobre tudo. O caderno ao lado. Mutan instiga:

Se escrever sobre Ana, todos irão lembrar dela. É uma forma de eternizá-la.

Deixo o cansaço e começo a escrever. Isto é tudo que lembro...

#Livre

Minhas mãos estão cansadas de escrever. O quarto está frio. Mutan pergunta o que eu gostaria de fazer agora...

Respondo que quero dormir por um tempo. E peço que não me deixe sozinha.

A criatura segura minhas mãos calejadas e sorri:
É só fechar os olhos.

TESTEMUNHO

MUTAN #5

O que é medo? Acredito que é algo biológico. Mas como aprendi, “natural” também é construído. Esse “medo de carácter cultural” é um vírus que se hospeda em nossas realidades, corpos e relações. Como um corpo LGBTQ+ eu carrego diversos medos.

Medo de morrer por não ser respeitada a minha vivência; medo de nunca experimentar uma troca de afetos; medo de acabar sozinha; medo do esquecimento; medo de não ter coragem.

Desde minha infância fui violentado com palavras; com uma representação insuficiente; por uma escola limitante; por amizades tóxicas; por homens que despejavam através das palavras suas nojeiras; por ser imposto - pelo outro - a categorizações, para mim ainda desconhecidas. Cheguei a ser agredido, através de socos, chutes, assédios, despedimento. E tudo isso, somado a viver em um dos países mais violentos do mundo, impossibilitam uma vida sem riscos.

TESTEMUNHO

MUTAN #6

Quando eu digo para alguém que sou bissexual, existem várias reações preconceituosas. Homens héteros que sexualizam minhas relações afetivas. Mulheres que acham que irei dar em cima delas. E aqueles que me julgam promíscua.

Cresci escutando da minha avó que gostar de homem e de mulher não existe. Ou é um, ou o outro.

Uma vez estava de mãos dadas com uma menina em público. Um cara chegou bem agressivo, querendo partir pra cima da gente, falando que era um absurdo. Fiquei com medo dele nos agredir. As pessoas estavam vendo e ninguém interferiu. Só ficaram olhando e tivemos que sair sozinhas da situação. Não estávamos fazendo nada, só andando de mãos dadas.

Naquele dia não reagi por medo, mas acredito que não podemos nos calar. Amar não é errado.

MEMBRANA

A hora dourada era o pior momento do dia. As luzes incandescentes da cidade ofuscavam as estrelas fazendo com que o mistério da noite se perdesse. Letreiros neon apontavam para inúmeras direções oferecendo serviços, vagas em quartos de motel, promoções de tudo. No centro eles podiam vender até um pedaço da alma.

Os barulhos dos carros voltando para casa chegavam como zumbido na janela de Lorena, uma construtora que vivia numa colina afastada. Construtores trabalhavam restaurando máquinas, peças de computadores, carcaças de robôs, ligações elétricas. Eles eram responsáveis pela mecânica de uma sociedade automatizada.

Quando observava a tecnologia ao redor, Lorena se sentia solitária. A família pobre tinha ficado no povoado de Itapema, lugar rural, e apenas ela conseguiu seguir adiante. Almejava grandiosidade, conforto, facilidade para comprar coisas com as quais sempre sonhou. Queria conhecer novas pessoas, culturas, usufruir da informação. Com a coragem dentro de si e uma quantia em dinheiro dada pela mãe, começou a desbravar o mundo.

Os primeiros meses foram difíceis. Tudo na cidade era estranho. Os prédios, o metrô, a indiferença dos cidadãos que passavam, a polícia, até mesmo as roupas. A experiência fez com que Lorena entendesse processos de si mesma. Por exemplo, não gostava das luzes, mas amava os robôs. Não se interessava pelos homens, mas era apaixonada pelas mulheres. Chegou a ter alguns relacionamentos, no entanto, elas sumiam.

Em Itapema, a jovem sempre encontrava os moradores ou escutava seus casos pelos ouvidos da mãe. Na cidade, as pessoas não respondiam as mensagens, desmarcavam encontros de última hora, maltratavam os robôs. Lorena achava horrível o descarte das máquinas e a falta de comoção. Robôs ajudavam em tudo com seus corpos de metal, obedeciam humanos irresponsáveis, sentiam.

Toda vez que construía um robô, Lorena o imaginava em Itapema. A máquina poderia cortar o máximo de lenha, acelerar o trabalho nas fazendas e proteger as moças daqueles homens que ainda hoje insistiam em comandar o povoado, imitando atos arcaicos dos guerrilheiros do mato.

Ao lembrar da rotina da mãe, a jovem sentiu o coração palpitar. Café quente, pão seco, diálogo sobre o clima, história, sorriso afetado.

Ambas riam muito. Das roupas, dos modos, do padre. Os acontecimentos eram simples, porém tinham um significado que só elas entendiam.

Lorena afastou as lembranças e resolveu sair. Mas para onde iria? As luzes opressoras da cidade chamavam. Os bares noturnos estavam cheios de mulheres que poderiam cessar sua solidão por algum tempo, com conversas animadas, beijos, companheirismo. Qual foi a última vez que se sentiu amada? Lorena não recordou.

Do lado de fora da casa fazia frio. O lixo tecnológico ocupava espaço no terreiro. Havia peças de robô no jardim, computadores velhos na entrada, motores espalhados, fios condutores de energia nas árvores. A colina era silenciosa e escura.

Por mais que tentasse afugentar as lembranças, a mente da jovem estava um turbilhão. Imagens da floresta de Itapema invadiam seus pensamentos. O buraco no peito crescia. Situações assim eram combatidas com a pílula da felicidade, remédio usado diariamente pelos habitantes do centro. Entretanto Lorena queria sentir algo... como os robôs.

A garota resolveu caminhar na floresta atrás da colina. Talvez o contato com o mato mostrasse a resposta para aqueles sentimentos. Respirou fundo e foi. Os cipós nas árvores pareciam com os de Itapema. O frescor das plantas rasteiras aconchegavam. Lorena nunca visitava essa floresta pois os costumes da cidade rejeitavam práticas ambientalistas. Diversão para eles envolvia tecnologia, não selva.

A luz da lua podia ser vista da campina. Surgiu na mente da jovem eventos de sua cidade natal. As festas religiosas que honravam os santos, das quais ela não gostava. As fogueiras das festas de junho. As danças. Lorena sentou num tronco de árvore morto e tentou chorar. As lágrimas não vieram. Forçou a vista. Nada. Queria jogar tudo pra fora antes que os sentimentos implodissem por dentro. Era saudade de casa? Tristeza? Frustração?

Na tentativa de se entender, Lorena deitou na grama. O corpo doía, os flashes do passado voltavam, o coração acelerava. Amava Itapema, mas não queria voltar. O futuro pedia mais, outro lugar, que não fosse o centro... ou a cidade... onde então? A garota sentia falta de algo que não conheceu. Se abraçou com força. Queria alguém consigo...

Prestes a gritar, ela escutou uma frequência. Um ruído de voz baixo e próximo. Levantou assustada. Olhou ao redor. Do lado de uma árvore duas luzes vermelhas piscavam.

Lorena conhecia aquela iluminação e os barulhos... Era um robô.

Quando chegou perto viu os restos da máquina no chão. Um pedaço da cabeça com o crânio a mostra, tronco quebrado, sem os membros superiores e inferiores. Os olhos reviravam desesperados, o mecanismo da boca tentava mexer. Restos de fluídos estavam espalhados pelo local, a membrana do rosto se desfazia.

Lorena agachou e tocou o robô.

- Acessar painel central. - Ela repetiu o comando três vezes.

A máquina tentava se comunicar, mas não conseguia. As funções motoras tinham sido comprometidas. A metade do cérebro que restou não executava ações básicas. Apenas o olhar permanecia ativo, cheio de horror.

- Eu posso ajudar. - Lorena sussurrou e então os olhos do androide se acalmaram.

A garota pegou os restos do robô e voltou pra casa. Suas roupas ficaram encharcadas de fluído plasmático, e também recebeu choques elétricos da máquina, porém se sentia melhor. As imagens de Itapema já não apareciam. Sua preocupação era reconstruir.

Acendeu a luz do atêlie onde construía as máquinas e depositou o corpo amputado numa mesa de alumínio. Pegou vários instrumentos de trabalho mecânico que precisaria. Analisou o robô. Quase tudo estava destruído. Apenas metade do cérebro, mapeamento elétrico danificado, tronco abatido. Os braços arrancados, as pernas também.

Primeiro Lorena limpou a sujeira do ferro com agilidade, removendo a terra da floresta, as folhas secas e os fluídos. Depois retirou os fios do corpo. Toda vez que suas mãos tocavam o robô, os olhos dele se arregalavam. A jovem conseguia perceber o medo no olhar.

Acessou o painel central manualmente e configurou a coordenação motora da fala. O processo de configuração durou meia hora. Era madrugada quando o robô conseguiu emitir algumas sílabas. Lorena sorriu. E em seguida disse:

- Você consegue dizer seu número de identificação? - Na cidade era proibido nomear andróides.

O robô não respondeu. Do canto de seus olhos saiu um fino traço de fluído verde.

- Desculpe... Você não deve lembrar. Vou reconstruir a outra parte do seu cérebro... Tente repetir comigo...

- Obriiii..gaaa...dooo. - O robô interrompeu. A voz saiu com dificuldade.

- Oh! - Lorena ficou agitada. - Não precisa agradecer... Continue falando...

- Obrigado. - O robô repetiu, dessa vez com clareza.

A jovem ajustou a conexão da mandíbula para que a locução saísse melhor.

- Eu te encontrei na floresta, quase morto.

- Morto...

- O painel de controle de um androide não resiste a estragos extremos. Você foi parcialmente destruído... Por pouco sua energia não acabou.

Enquanto dizia, Lorena instalava remendos na clavícula, religava tendões do pescoço, trocava os fios velhos da face.

- Eu lembro... - O robô disse. - Dos homens que fizeram isso comigo.

- Que interessante. As memórias geralmente somem quando o crânio é agredido... Do que se lembra?

- Do rosto deles. Dos gritos. Não sei se eram cinco homens, ou mais. Eles me bateram com pedaços de madeira, ferros afiados e armas radioativas. Meus membros foram cortados a laser, minhas costelas estraçalhadas com chutes. Eu tinha um coração que foi arrancado e um cérebro partido ao meio. Por isso não sei quem era antes da violência... As únicas lembranças que tenho são deles.

- Não se preocupe, irei fazer o necessário.

Lorena pegou dois braços de aço no armário de peças, e duas pernas. Trabalhou com afinco até de manhã. Cada parte precisava ser configurada com energia sustentável, envolta com fios, fluídos plasmáticos, e por fim a membrana, uma camada de pele que proporcionava vida ao androide. Quando terminou essa função, conectou os braços ao tronco.

- A sensação é boa... - o robô falou.- De ter braços...

- E agora as pernas...

- São bonitas. Acho que não mereço.

- Claro que merece. Esse material é o melhor que tenho. O metal é composto de poeira estelar...

O robô ficou minutos mexendo os dedos das mãos, encantado. Após perceber os feixes de luz matinal no ateliê, Lorena bocejou de sono. Estava exausta.

- É melhor descansar. - O robô apontou a porta. - Eu espero.

- Falta o tronco, a coluna, o coração e o cérebro. Você é um androide sexuado?

- O que é isso?

- Alguns robôs são construídos através de regras binárias. Homens e mulheres. Posso construir a genital, se quiser... E indicar no painel central o gênero.

A máquina permaneceu em silêncio por algum tempo, depois disse:

- Quero ser robô.

A jovem continuou o trabalho. Em alguns momentos as lembranças de Itapema regressavam de maneira tão nítida que ela começou a falar.

- Eu vim de um povoado. Desde ontem não paro de lembrar de lá. Parece que estou revivendo minha infância de novo...

- É? Como são essas memórias? - O robô perguntou.

- Vejo minha casa, dessas bem simples. Minha mãe na varanda, e depois ela lavando roupa. Consigo escutar os pássaros, o machado na lenha, e até a água da fonte... Sei que é saudade, só que tem mais.

Lorena encerrou o trabalho na coluna do androide e passou para o tronco. O êxtase fazia com que ela não tivesse fome. A impressão que tinha era que quando terminasse a reconstrução, encontraria algo.

- Há anos vim pra cidade com a promessa de melhora de vida, mas nos últimos dias tenho me sentido solitária.

- Posso ficar com você... Depois de feito. - O robô sorriu.

- Seria ótimo. Podíamos viajar pra Itapema... Quem sabe a resposta para esses sentimentos não estão lá... Mesmo que voltar fosse doloroso.

- Porquê?

- Minha mãe morreu há dois anos e não consegui vê-la. É uma tortura pensar na nossa casa sem ela...

Logo após concluir o tronco, Lorena abriu um pequeno freezer. Dentro havia vários corações usados na construção de robôs. A jovem pegou um deles e exibiu para o androide.

- Este momento é um pouco complicado. Preciso que evite pensar no crime que sofreu.

- Será difícil, criadora. São as únicas vivências registradas.

A pronúncia da palavra criadora fez com que Lorena tivesse vontade de chorar.

- Pense no tempo que passamos juntos até agora.

- Vou tentar.

Lorena abriu o compartimento do coração e com uma agulha especializada, costurou fio a fio na membrana inferior. Antes de terminar, lágrimas começaram a escorrer dos olhos do androide.

- O que é isso? - O peito da máquina arfava e as lágrimas continuavam a cair.

- São as emoções fluindo.

- Porque eles fizeram aquilo comigo? - Ele levou a mão ao rosto.

O choro do robô aumentava cada vez mais. Lorena não sabia o que fazer, e então começou a chorar junto. Enfim o turbilhão de dentro estava saindo para fora. As noites que tentou desabafar e não conseguiu apareceram. A garota tinha esquecido como era bom se derramar, deixar vir. Chorou pela mãe, por Itapema, pelas mulheres que amou, pelos robôs. A medida que chorava, o pranto virou verdadeiros gritos que vinham do âmago do ser.

- Desculpe por isso. - ela disse. - as emoções são complicadas. Se preferir posso remover a influência das sensações.

- Com este coração posso sentir outras coisas... E não apenas o medo.

Lorena parou o trabalho e se alimentou. Comeu cereais ricos em vitaminas e uma pílula repositora de energia vital. A concentração no trabalho era seu único objetivo.

- Falta a última parte. O cérebro.

A garota modelou uma massa na forma do crânio. Desinstalou o sistema antigo e projetou um mais sofisticado. Injetou fluídos plasmáticos

neurônios e por último, a membrana.

- Você está pronto. Agora é um novo robô.

O androide levantou com cuidado, experimentando os novos braços e pernas. Reaprendendo a andar, equilibrando o corpo, as sensações. De maneira desajeitada, deu um abraço em Lorena.

- Queria retribuir.

- Por favor, eu não quero nada em troca. Esse é meu trabalho.

Eles se observaram.

- Agora eu sei quem sou. - O robô disse. - Lembro da minha trajetória.

- Vamos para fora, você vai amar a vista enquanto me conta.

Os dois sentaram num banco de madeira velho, de frente para a cidade. Os prédios ocupavam o horizonte. As buzinas dos carros intercalavam com os motores.

- Eu sou um robô viajante no tempo. Minha missão de vida é proteger os androides em situação de risco ou agressão extrema. Eu havia sido designado para libertar um conjunto de máquinas que estavam sendo usadas como escravos, no entanto, fui pego por um grupo de homens violentos. Eles são pessoas que pretendem aniquilar os robôs liderados por I.A Mutan.

- Mutan. Eu já escutei essa palavra em Itapema...

- A simbologia por trás de Mutan é ampla. Entretanto, no futuro, I.A Mutan é uma inteligência artificial voltada para a proteção de determinados corpos. A força de I.A Mutan atravessa gerações tecnológicas e acontecimentos universais. Eu quase fui morto pois estes homens são articulados, obsessivos, sedentos por um poder que acabará em alguns anos. Se não fosse você, minha missão tinha falhado. Tenho o dever de retribuir.

- Eu não quero nada.

- Você é uma construtora exemplar. Seu nome será lembrado para sempre.

Os sentimentos de Lorena ficavam confusos. Em seu íntimo queria a companhia do robô, a aproximação de criador e criatura. Almejava viver em conjunto com ele como antídoto para a solidão que sentia, mas pedir isso seria egoísta. O androide tinha uma missão importante que envolvia o coletivo e as gerações marginalizadas. Implorar que ficasse era exigir

algo em troca, um pagamento. Seria desonesto.

- Quando irá partir? - A jovem perguntou desolada.

- Ainda hoje.

- É seguro?

- Atravessar o tempo é simples. Sou treinado para isso. Minhas missões não afetam negativamente os acontecimentos temporais. O que faço é salvar máquinas... Como você me salvou.

- Você conseguiria transportar um humano?

- Sim.

Lorena ficou em silêncio.

- O que está pensando? - O robô perguntou.

- Não tenho o direito de pedir nada.

- O que pedisse eu faria... Fale...

Eles conversaram sobre a possibilidade da garota voltar para Itapema e ver a mãe uma última vez. Para Lorena era isso que faltava para continuar, uma despedida. Precisava ver sua progenitora, encarar seus olhos, conversar sobre o povoado, dar adeus.

- Essa visita não alteraria algo? - ela questionou.

- Sua mãe irá morrer feliz. Pelos meus cálculos, não há problema.

Podemos ir agora... Ficarei escondido esperando. O que acha?

Lorena riu incrédula. Finalmente se sentia completa.

- Como faremos?

- Olhe nos meus olhos...

Lorena olhou.

- Pegue minha mão...

A garota enlaçou seus dedos humanos nos dedos ciborgues dele.

- Imagine que a metrópole ao longe é Itapema... Com as árvores, as cabanas, os moradores que cresceram com você. E então feche os olhos...

Lorena obedeceu. Um vento forte fez a colina ser envolta por poeira. O coração de ambos acelerou. O mundo parecia virar de cabeça para baixo. Quando Lorena abriu os olhos, não estava mais na cidade.

TESTEMUNHO

MUTAN #7

De todos os tipos de bullying que eu já vivi na época da escola, teve uma cena que me marcou. Eu estava na sala de aula e ouvi um garoto falar com o outro “ALÉM DE BIXA É PRETO” e olhar pra mim. Eu lembro dessa cena e penso: como uma pessoa pode despejar tanto ódio em alguém a troco de nada?

Hoje em dia eu sou uma pessoa muito bem resolvida com minha sexualidade e minha raça. As vezes eu penso em algumas pessoas que já me machucaram na minha adolescência e penso, “que tipo de adultos elas são agora?” Espero que tenham se tornado pessoas melhores.

MUTAN #8

Quando você está fora de um padrão imposto pela sociedade, automaticamente sente medo. Tenho uma tatuagem que é um símbolo lésbico, e fiz como uma questão de orgulho. Mas quando o tatuador me perguntou o que era, hesitei em explicar o significado.

Eu, uma pessoa militante da causa, me vejo hesitando em falar. É um medo imposto.

Da minha família, só minha mãe sabe que sou lésbica. Ela não é violenta, mas não gosta. Minha irmã que é hetero tem liberdade de conversar sobre determinados assuntos, como namoro. Vejo que pra mim tem um limite, uma barreira.

Já estive na praça com amigos LGBT e recebi olhares. Você percebe que está incomodando naquele ambiente. Por exemplo, na festa do 12, em Ouro Preto, tinha um casal de lésbicas numa república, e um ex- aluno pediu pra elas saírem da festa pois estava importunando. Eu estava perto e vi. Por mais que eu queira bater de frente com essas injustiças, me vejo recuando. Parece que todo o acúmulo de coisas ruins que já escutei na vida, vêm à tona.

D O R I S

Acordo com as batidas na porta. Mas que raios eles querem? Um velho não pode desfrutar do conforto da solidão e dos remédios prescritos. Peço que entrem e recebo o responsável do asilo. Seu nome é Marcos, um jovem de vinte anos que herdou a riqueza do avô e as verbas governamentais do país.

- Bom dia Senhor Lucas. Eu vim apresentar sua nova cuidadora. Essa é Doris.

A robô Doris têm a aparência de um extraterrestre. Sua cabeça é oval com alguns fios de cabelo preto, olhos redondos revestidos de tinta roxa, o corpo alongado e fino. Os programadores retiraram os seios e a virilha porque pacientes cheios de tesão faziam coisas horríveis com as máquinas, as deixando destruídas.

- Espero que se deem bem. Até mais. - Marcos sai e nos deixa a sós.

Doris me observa com carinho. No início da companhia tendo a desconfiar das intenções dos robôs, mas logo entendo que são a família que deixamos de ter. Ela irá me alimentar, dar banho, arrumar o quarto e trazer lembranças. A melhor parte são as lembranças. Estou me esforçando para não pedir agora. Como eu quero vê-las.

O departamento de inteligência artificial do governo criou um mecanismo que permite às máquinas recuperarem os melhores flashbacks de nossas vidas. Quando eles entraram na minha mente, pedi que recuperassem as imagens do casamento com Lúcia, a formatura do meu filho e as melhores transas que tive.

- Senhor Lucas, irei apresentar o novo cronograma de atividades.

A voz de Doris é idêntica a de minha mãe. Automaticamente quero lhe dar um abraço.

- O café será às sete. Após termos uma caminhada pelo bosque. Jogos matinais com outros pacientes. Almoço. Descanso. Lembranças. Lanche...

“Lembranças...” Degusto a palavra conforme fico excitado.

O melhor sexo que tive foi aos trinta anos. Eu tinha saído do trabalho numa sexta e as casas noturnas estavam lotadas, os bares repletos de mulheres, a música alta pulsava em mim. Queria usar cocaína e ficar pelado. Depois de passar por vários lugares, achei parada em uma esquina Sandra. Esse era o nome? Fomos para o motel. Aquilo foi intenso.

Fiz de todos os jeitos. Ela pedia pra parar, mas eu estava insaciável. Foi um dos melhores dias de minha vida. Será que os programadores tiveram coragem de incluir essa lembrança no sistema de Doris?

- Depois do café da tarde é seu banho. A janta e... o sono. - Ela ri.

- Sou seu primeiro paciente? - Levanto da cama com dificuldade, pois preciso estar mais perto de Doris. Ao tocá-la, sinto a textura borrachosa de sua pele.

- Eu fui criada há 200 anos, porém meu sistema passou por muitas transformações. Já fui uma operadora, numeral em série, conselheira e agora cuidadora de idosos.

- Espero que cuide muito bem de mim.

Os velhos da ala norte dizem que alisar o dedo médio de um robô no primeiro encontro os hipnotiza. Então poderá pedir o que quiser. Por exemplo, o Nino do terceiro andar alisou a robô dele por três minutos e depois conseguiu um boquete. Irei alisar tanto a Doris que ela vai me livrar daqui.

- Temos quarenta minutos de caminhada antes da chuva.

Os corredores do asilo estão silenciosos. Escoro nos braços enormes de Doris enquanto caminho até o bosque. Ela é ágil, prestativa, e a forma como sorri faz lembrar alguém.

- Senhor Lucas... Quando chegou aqui?

- Querida, pode me chamar apenas de Lucas.

Aproveito a deixa para pegar nela com mais ousadia. Recosto a mão na sua bunda.

- Vim ano passado pois minha esposa morreu num grave acidente de carro na Costa. Horrível. E meu filho não têm tempo.

- Como ele chama?

- Miguel. É homem feito. Engenheiro... Rico. Por isso estou nesse lugar.

Estamos fora do conjunto de prédios. No bosque não há nenhuma movimentação de robôs. As árvores estão em lugares diferentes de ontem, dessa vez formando uma campina. Doris me leva até um banco de madeira e sentamos lado a lado. Cada vez fico mais excitado com sua presença. E a imagem de Sandra, de quatro, causa arrepios.

- Meu banco de dados diz que gosta de jogos de azar.

- Que interessante! Achei que diria que gosto de sexo.

Em segundos aperto suas pernas e encaro seu rosto. Doris não se move, pelo contrário, se aproxima. A tinta roxa dos olhos, que é usual deles, muda para vermelha. A boca pastosa abre-se num sorriso.

- Vamos voltar para o quarto.- Ela diz. Não precisei nem alisar os dedos.

- Claro!

Na volta fico com medo de não dar conta de Doris, mas lembro novamente de Sandra. Naquele dia meu animal interior estava desperto. Eu sou viril. Olha como está duro...

- Senhor Lucas... Meu sistema está programado para uma lembrança.

- Qual?

A robô toca minha testa e imediatamente vejo Lúcia preparando o jantar. Entre sorrisos e brincadeiras, suponho que acontecerá algo marcante, no entanto, a imagem escurece. Em seguida, estamos deitados nus e ela diz que me ama. Experimento vivenciar a cena, tocando cada parte de minha esposa, antes de a beijar, a escuridão volta. Lúcia olha o espelho enquanto chora, logo depois se volta pra mim: *Você os matou.*

Dou um grito.

- O que foi, Senhor Lucas?

- Essas lembranças não são as que planejei ter...

Estou tonto e ofegante. Doris me deita na cama, e traz um copo d'água.

- Às vezes o sistema é falho, desculpe. Vou verificar.

Ela abre a boca e retira da garganta um pequeno controle, digita a senha de acesso e projeta na parede o painel central.

- Alguém modificou algo. - Meu filho. O cretino. - O problema é que não consigo compreender quem foi. Perdão. Deseja trocar de máquina?

- Não! gostei de você.

As trocas de robôs são angustiantes porque os programadores iriam destruir Doris, e eu não teria um tempo pra ter ela. É agora ou nunca.

- Podemos tentar novamente.

Me aproximo e a deixo tocar minha testa outra vez. Acontece uma manifestação. Inúmeras pessoas gritam, bombas atravessam o céu, respiro fumaça e vejo sangue. Este corpo velho sente medo, já o novo

ódio. Estou atrás de dois jovens. A cena muda para um beco escuro. Dois homens estão se beijando. A raiva toma conta de mim. Pretendo eliminar eles. Bichas são a escória da sociedade. Com a arma empunhada, desfiro trinta tiros, focando a cabeça. Preciso vê-los massacrados. Em pedaços.

- NÃO! - retomo a consciência. Lágrimas escorrem sobre meu rosto.

- Senhor Lucas... Senhor.

Doris tenta ajudar, mas a afasto. Lá fora a chuva forte escurece o dia.

- Chame alguém!

- Não se desespere. Consigo deletar essas lembranças.

- Vai embora!

Ela observa ressentida, uma vez que nasceu pra me servir, depois sai lentamente.

Passo o resto do dia chorando, sem vontade de levantar, dores nas costas. Os velhos do asilo que ficaram assim morreram rápido: primeiro vieram as feridas, depois a falta de vontade e, por fim, a perda da lucidez. Estou com sede, mas não consigo pegar o copo. Também tenho frio, só que meu corpo não reage. Permaneço nessa posição por várias horas até que a noite chega. Porque ninguém vem? O asilo permanece em silêncio. Nem mesmo os velhos briguentos da ala oeste estão berrando. Alguém acende a luz!

- Doris!

- Senhor...

- Onde você está?

- Debaixo da cama...

A escuridão me aflige. Através de muito esforço sou capaz de levantar. Olho para a esquerda e vejo a sombra de dois homens. É um delírio. Coloco os pés no chão, prestes a gritar. Doris acaricia meus pés. A cabeça oval se move para fora.

- Eu estou aqui.

A silhueta da robô aparece do meu lado.

- Seus remédios...
- Não quero.
- Prefere dormir.

Ela pega duas cobertas no armário e me cobre.

- Meu banco de dados diz que a música lubally fear lhe dá sono.

Doris abre a boca e a sinfonia de minha infância toca.

- Não suporto a maneira estática do seu olhar. Pare essa música!
- Desculpe. Acho que podemos tomar banho.

Quem sabe essa máquina não faz algo de útil.

No banheiro, deixo Doris tirar minha camisa. Devagar. Finjo não conseguir tirar as calças pois quero ver essa puta agachada. No momento em que suas mãos encostam na minha cueca, meu pênis endurece. Vai... Tira logo. O pano desce, estou explodindo de tesão. Pega nele... O banheiro se transforma no antigo quarto de casal e Lúcia está chorando. Seus gritos irrompem pela casa. *Você os matou. Você matou aqueles jovens.* Não esboço emoção.

Eu tinha 40 anos quando as manifestações conclusivas de gênero aconteceram. Elas foram chamadas de conclusivas porque instauraram no país direitos irretomáveis da comunidade queer. Foi uma revolta que durou sete anos, onde muitos de nós morreram, e muitos deles também. Éramos um grande grupo que pregava a violência. Matávamos sem pena, com máscaras na cabeça.

Me vejo em cima de uma manifestante, dessa vez com uma faca, desfiro incontáveis golpes no seu rosto. A cena repete muitas vezes. Grito Doris, mas o loop não cessa. A cada facada sinto meu coração apertar, a dor é corrosiva, machuca. Isto é pior que o inferno. Perco a voz, os sentidos. Alguém me tira daqui!

- Senhor?
- Você está fazendo de propósito!

De volta ao banheiro observo meu corpo nu e desprotegido. É só um monte de pelancas. Não aguento nem andar sem mancar. A noção de impotência me faz entrar em pânico. Grito aos soluços que quero minha mãe.

- Acalme-se. Sua mãe morreu há vinte anos vítima de um câncer raro.
- Por favor. - digo aos prantos. - Chame o Dr. Juliano! Me ajuda.

- Vamos vestir roupas limpas. Chamarei o doutor assim que possível.

Doris me leva até o quarto, a feição calma e complacente. Preciso fugir daqui para descobrir quem realmente alterou minhas lembranças. Miguel não teria coragem. Só pode ser algum membro daquelas manifestações. Mas foi há tanto tempo... Ela me veste e fico encolhido na cama. A robô tranca a janela... e depois a porta.

- Meu banco de dados diz que quando criança você adorava ouvir histórias.

Ela revira os olhos e as córneas se transformam em páginas escritas.

“Em uma cidade distante, antes da colonização igualitária, vivia Sinara, uma mulher cheia de atributos e vaidades. Tinha cabelos crespos, olhar marcante, seios avantajados e um pênis. Alguns moradores sabiam de sua condição e a tratavam com desprezo, outros planejavam matar a usurpadora de gênero.

Por causa das ameaças Sinara afastou-se da população, indo morar primeiro debaixo de viadutos, em seguida nas florestas e, por fim, ao lado de um poço sujo. Por muitos anos viveu sozinha, comendo raízes e ratos. Nas suas preces pedia que a colheita proliferasse para que não morresse de fome, no entanto, nunca foi atendida.

Numa noite tempestuosa, prestes a dar o último suspiro, a mulher se arrastou até a beira do poço e sussurrou palavras desconexas. Depois de tanto tempo sem comer, nada parecia real. Apesar disso, algo veio lá do fundo. Da escuridão emergiu um ser alongado, com asas pretas e rosto caído. Media 3 metros de altura e possuía a pele deformada.

Seu nome era Mutan. Vinha do futuro. Sua missão era proteger todas as mulheres, em especial aquelas como Sinara, e destruir os que sobrassem. Tirou das mãos vários objetos estranhos e, então, a carregou para a cabana.

Durante seis dias a alimentou, cuidando de seu corpo e revestindo os órgãos com uma camada de ferro. No sétimo dia Sinara estava pronta, saudável e protegida. E Mutan há caminho da cidade.”

- Cale a boca! - Dou um tapa na cara de Doris. - Detesto ficção.

- Desculpe... Alguém está modificando minhas sequências numeradas.

A robô toca o próprio rosto. Percebo que a força do tapa arrancou-lhe

metade da pele, deixando os fios condutores a mostra. Tenho pena, não é culpa dela, e sim de Miguel.

- Se a gente chamar o Dr. Juliano, ele poderá descobrir quem está fazendo isso com você, benzinho...

Pego nas pernas da robô e imediatamente meu pau volta a ficar duro.

Doris faz sinal de silêncio. Ficamos alguns minutos tentando ouvir passos lá fora, mas nada acontece. Começo a ficar com medo. Após alguns minutos, escuto barulhos de coisas caindo no chão e em seguida gritos.

- O intruso do meu sistema está por perto.

- Por favor, vamos fugir daqui. Eles querem me matar!

Os terroristas de gênero. São eles. É parte de um plano envolvendo meu filho. Se eu não fugir daqui vou ser linchado.

- a-ju-da.

Doris soletra as palavras numa espécie de transe. A medida que fala, as sílabas vão se atropelando, revelando outros significados. Ajuda vira Judas, e posteriormente, Jesus. Chacoalho a robô tentando reverter a falha, até ela parar confusa.

- O intruso está no quarto ao lado. Senhor, deseja trocar de máquina?

- Não Doris... Por favor, me proteja. Eles vão me matar.

Me ajoelho aos pés dela. Um velho como eu não tem chances de sobreviver sozinho. Não tenho a virilidade da juventude, minha mente não é saudável, estou fraco. A qualquer momento a porta se abrirá e encontrarei a morte. Preciso que Doris seja a mãe que perdi.

No auge do desespero, começo a quebrar as coisas do quarto. Derrubo o armário, as roupas, os copos. Milhares de cacos de vidro estão no chão. Sem perceber, piso neles. A dor é intensa. Imploro por ajuda, caído feito um animal morto, e Doris continua disciplinada.

- Meu sistema está programado para uma lembrança.

Ela se aproxima e toca minha testa. Estou em cima de Sandra. Meu pau enfia com força. Ela reprime o choro porque tem medo que eu reclame para o chefe. O rosto contorcido de dor me excita. Sandra deve ter quatorze anos. Viro ela de quatro e puxo seus cabelos. *Me solta! Pare.* Ela sabe o que acontecerá em seguida... A cama está cheia de sangue.

- Doris, me tire daqui.

A robô me contempla, o fascínio de reconhecer que sou apenas um ser

humano. Ela destranca a porta, logo após a abre. Doris está sorrindo?

- Nossa missão está quase completa. Só falta ele...

Uma voz aguda surge no quarto. Me esforço para ver quem é. Enxergo coisas turvas, duplicadas. Duas portas, duas janelas, duas Doris. Duas Doris.

- Senhor Lucas, esta é a robô Y2. Ela viajou seis mil anos até aqui.

A máquina é idêntica a Doris. A cabeça oval, os olhos roxos, a pele de borracha.

- Aquelas lembranças... Quem implantou em mim? - Pergunto.

- Tudo o que você viu foi praticado há vinte anos. Eu e Y2 estamos de partida.

- Não me deixem sozinho.

As robôs se olham com dúvida. Elas foram criadas pra mim.

- Nós não fomos criadas para você. Nosso objetivo é a violência.

Doris pega um caco de vidro do chão e fura minha perna. A dor é insuportável. Y2 mostra uma agulha pontuda, e com agressividade, espeta meu rosto. Tento revidar, mas os golpes machucam minha pele. Um... Dois... Três... Elas sussurram a quantidade enquanto sinto o vidro rasgando. Doris quebra meus dentes com socos, depois os ossos do braço e por último minha clavícula. O quarto vira um mar de sangue. Suplico por ajuda.

- Y2, nós ainda temos quinze minutos.

Elas me amarram e começam a bater em várias partes do meu corpo. Quero morrer logo. Porque não me matam? É uma dor que nunca senti. Por favor. Dói muito....

- Eu imploro...

- Senhor Lucas, ainda faltam dez minutos.

Y2 dilacera meu pescoço e por alguns minutos tudo silencia. Vejo o sangue jorrar para o alto e revivo novamente as lembranças em um loop interminável, até que elas falam.

- Este homem têm culpa.

- Este homem têm culpa.

Doris aponta uma arma pra mim.

E então tudo fica escuro.

Relatório final da missão:

[I.A Mutan, estamos voltando pra casa, nosso objetivo foi concluído.]

[A colonização igualitária (processo de revolução pautado na aceitação e direitos de comunidades marginalizadas) é uma farsa. Sujeitos à margem vivem em lugares isolados ou não existem.]

[Todos os assassinos que participaram ativamente nos crimes das Manifestações Conclusivas de Gênero estavam exilados no asilo governamental, sendo cuidados com respeito e conforto. Eles tiveram destinos elaborados através de algoritmos inteligentes:

Padre Marco (102 anos) autor de 359 mortes, foi transportado para a dimensão Histeria, onde reviverá os piores momentos da história da humanidade, em forma de espectro, durante 30 anos.

Lucas (77 anos) líder do massacre na América do Sul, recebeu a sentença de violência. Seu corpo foi descaracterizado, agredido durante 20 minutos e destruído.

Mateo (67 anos) autor de 5 mortes nas manifestações passadas e abusador de máquinas no presente, foi privado das refeições e obrigado a confessar os crimes. Depois de pedir perdão, certo de que seria liberto, sua consciência foi transferida para uma máquina sem coordenação motora.

Alef (85 anos) assassino da ativista queer Amara Leal, teve o passado alterado.

Nicolas (79 anos) assassino de um grupo de 14 jovens, reviveu os crimes em loops intermináveis e deixado sozinho no asilo. Ele não poderá fazer mal algum aos outros ou a si mesmo.]

[A população da cidade foi aniquilada.]

TESTEMUNHO

MUTAN #9

Quando eu estava no ensino médio, alguns garotos me trancaram no banheiro da escola e ficaram gritando coisas horríveis. Me chamando de viado, bixinha. Disseram que eu só sairia dali se confessasse que era aquelas coisas. Não respondi. O supervisor chegou na hora e me perguntou o que tinha acontecido. Falei que nada.

Até hoje tenho pesadelos constantes com um desses meninos que me perseguia frequentemente na época da escola. Ele correndo atrás de mim e eu tentando me esquivar dele. Sempre ligado nessa questão do medo. Não consigo tirar essa imagem da mente.

Quando entro em espaços, principalmente quando as pessoas não me conhecem, a primeira reação delas é: uma pessoa negra entrou aqui. E quando descobrem que sou gay é: uma pessoa negra e gay entrou aqui. Não tenho controle sobre minha raça e muito menos sobre minha sexualidade. Me machuca quando as pessoas me julgam sem me conhecer.

Tenho o meu direito de ir e vir. E quando esse direito é violado, tenho medo. Já teve várias vezes que entrei em determinados lugares e me senti acuado.

MUTAN #10

Sempre soube que eu era lésbica. Desde pequena falava com minha mãe que gostava de meninas, só que a heterossexualidade compulsória caiu sobre mim de uma forma muito pesada. Eu achava que devia gostar de homens. Todas as vezes que beijava um menino e as coisas “esquentavam”, eu afastava ele e dizia que não gostava daquilo.

Quando tinha 6 anos de idade, cheguei perto da minha mãe e falei que estava apaixonada. Disse que havia encontrado minha princesa. Uma amiga que eu sentia vontade de beijar, abraçar, fugir com ela. Minha mãe respondeu que ter uma filha sapatão seria a pior desgraça de sua vida. Eu nem sabia o que era sapatão, mas entendi que não podia sentir aquilo por meninas.

Toda minha adolescência trabalhei minhas pulsações sexuais. Quando elas vieram fui conversar com minha mãe de novo. Eu tinha 12 anos. Ela falou assim: Isso é o demônio. O demônio vem pra você em formato de mulher. Só repreende. Repreende que ele vai embora.

Quando fiz 18 anos, minha mãe chegou pra conversar. Eu tinha raspado o cabelo e entrado na universidade. Ela perguntou se eu estava namorando uma menina. Falei que não, mas que se ela colocasse o corpo de um homem nu e de uma mulher nua na minha frente, meu corpo responderia

o da mulher. Ela começou a chorar, colocou a mão na minha cabeça e começou a expulsar o demônio.

Logo após saí da casa dos meus pais e vim morar em Mariana. Nunca tinha beijado uma menina. A primeira que beijei, namoramos por 2 anos.

Desde que eu me aceitei, acho que meus medos foram mudando. Um medo que tenho desde pequena é ser abusada por homens. O estupro corretivo. Achava que se me assumisse como lésbica, eles iam chegar e falar: você não provou.

E realmente fui abusada.

Certa vez fui numa festa. Por causa de uma torção no pé, tive que ficar em uma cadeira de rodas. Beijei um menino por um tempo. Quando disse que não queria mais, ele continuou e pediu pra eu ficar quietinha. Tentei travar a cadeira de rodas, mas ele me levou para um canto escuro da festa e começou a me beijar, me agarrar. Não tive forças para afastar ele. Foi uma situação bem traumática, e pra eu entender que tinha sido um abuso demorou três meses. Fiquei trancada dentro do quarto sem entender e sem conseguir falar sobre. Foi algo que consegui superar há 2 anos.

São traumas que levo para o resto da vida. Toda vez que vou para uma festa tenho medo de não respeitarem meu não. A presença de homens héteros perto de mim causa aflição. Tenho a sensação que vai acontecer

tudo de novo.

Nas eleições de 2018, tentei convencer minha mãe a não votar no Bolsonaro. Disse que estava namorando uma menina, dos perigos que passávamos, e que votar nele só aumentaria. Ela perguntou se poderia falar com meu pai. Quando ele soube, falou que a partir daquele momento não tinha mais filha. Já que eu havia feito essa escolha pra minha vida, que ele não faria parte dela. Ele parou de conversar comigo.

Teve um show do Caetano Veloso em Belo Horizonte, e eu ficaria na casa de um tio, irmão do meu pai. Perguntei se poderia ficar lá, e esse tio disse que na casa dele eu não era mais bem vinda. Uma tia mandou uma mensagem pedindo que eu me afastasse.

Vai fazer um ano que praticamente toda minha família paterna não fala comigo.

Um tempo depois tentei me matar, mas a galera da minha república ficou do meu lado. Me levaram no psicólogo, me ajudaram.

Depois que meu pai me rejeitou, fui passar umas férias com os familiares da minha mãe. Minhas tias disseram que não importava o que eu era, elas sempre iriam me amar de todas as formas possíveis.

Que eu era bem vinda na casa delas. E minha mãe está passando por um processo de me aceitar.

A última vez que os visitei, eles fizeram uma reunião. Se reuniram a minha volta e falaram que eu era uma pessoa muito querida, que se precisasse de um lar, teria o lar deles. Então pra mim foi uma surpresa porque não esperava esse acolhimento. O meu maior medo era perder minha família. Eu perdi. Uma parte dela, mas a outra parte supre tudo.

OBSERVADORA
ALIENÍGENA

A nave espacial atravessa a atmosfera do planeta Terra. Algo dentro de mim se acende, efeito dos longos anos de estudo. Apesar de ser uma observadora em um planeta que não é o meu, existe algo que nos une: a curiosidade. Humanos sempre estiveram em busca de vida em outros planetas. E extraterrestres também. Após uma viagem de vários anos luz, experimentos intermináveis e códigos, finalmente conseguimos. Eu estou aqui.

Envio uma mensagem a Coral, meu planeta de origem. Eles retornam com as últimas informações da área onde devo pousar. Aciono os comandos a nave, certa das dificuldades que enfrentarei. Os relatórios mostram que a Terra passou por inúmeras catástrofes e mudanças climáticas, processo que desequilibrou a biosfera e tornou o planeta inabitável. A elevação dos oceanos destruiu cidades e o aumento da temperatura e o efeito estufa provocaram extinção em massa de espécies, além de acidificar os solos. A seca gerou guerras civis por água. Não há mais biodiversidade.

Depois de orbitar em torno de um campo de milho, a nave pousa. Antes de abrir a porta principal sinto o calor agressivo. Vapores tóxicos são vistos ao longe. Tenho condições de caminhar sobre o solo árido da Terra pois em Coral sobrevivemos em temperaturas de 120 graus abaixo de 0. Nossa pele é resistente a temperaturas extremas. Aguentamos o máximo calor e o máximo frio. O organismo dos Coralinos se adequa ao ambiente.

Desço da nave com uma mochila apropriada e começo a investigação. Preciso encontrar vida consciente, apesar de ser improvável. Primeiro recolho amostras de raízes, cereais. Esse local era uma fazenda. As terras agrícolas desta região foram afetadas por pragas climáticas, a soja não cresce. Tudo virou adubo. Caminho até a casa. Os esqueletos dos donos estão jogados na entrada. É provável que foram atacados por pessoas em busca de alimento. Estou certa. A dispensa está arrombada, potes no chão, sangue seco nas paredes. Houve luta. Registro cada detalhe, desde a espessura do grão de feijão debaixo da mesa, até os movimentos no local. Meus sensores afirmam que não há ninguém por perto.

Vou até o próximo habitat, uma pequena vila. O lugar está deserto. Populações migraram para as montanhas pois o mar se tornou um inimigo. Com a água envenenada de carbono, era perigoso estar perto. Não encontro comida, nem água. Eles se foram há vinte anos. Carcaças

de animais fritam no sol. É como um forno permanente.

Ativo uma área maior no sensor e descubro algo perto de um campo de arroz. Corro exasperada, atenta aos perigos. Se for um humano, é necessário cautela. Sou diferente deles. Me assemelho a uma árvore, alta, pele que nem caule, corpo sem pêlos, cor mel.

No meu planeta não temos gênero ou sexo específico. Assumimos estados corporais conforme a necessidade. Alguns Coralinos optam pelo pênis, outros pela vagina, os sem nada, os com tentáculos e aqueles com as bolhas, que se multiplicam por meio de fusão. Para esta missão, escolhi o sexo feminino, que pra mim não significa nada. Mas que para a Terra significa algo. Ou significava.

Ao chegar no sinal de vida encontro um cachorro em estado vegetativo. O animal respira com dificuldade, está tão magro que os ossos aparecem. Ele me olha e lágrimas escorrem sobre seus olhos. Não consegue latir. Perdeu-se de seu dono. É um sinal. Acaricio suas orelhas. Ele geme por água. Procuro ao redor e encontro apenas terra seca. Quando volto, o animal está morto. As gotas de lágrima secam antes de eu conseguir registrá-las.

Perto daqui existia um riacho. No primeiro momento a população de peixes subiu a superfície, depois a água foi contaminada e por fim secou. Nem mesmo o mar a centenas de quilômetros suportou. Busco por sinais de seres rasteiros, no entanto, não encontro.

Em Coral não somos nada sem biodiversidade. Nossos animais convivem em harmonia com o gelo e com a natureza. As Miganhas, árvores nativas, se comunicam através de suas raízes. Se uma morre, as outras sabem. Se uma é alimentada com luz e água, as outras recebem uma parcela de nutrição. Tudo está interligado.

Rumo em direção às montanhas. O calor aumenta ao longo do dia. A vegetação ao redor das rochas foi afetada pelas bombas nas guerras civis. Humanos insaciáveis destruíram acampamentos em busca de mantimento. Crianças foram deixadas sozinhas em áreas desertas para morrerem. O que vejo é uma montanha em erosão. Escalo as pedras rapidamente até o topo. Cabanas queimadas, baldes furados, a tentativa de um poço artesiano, vestígios de um povo que lutou, pela vida, contra o sol.

No chão, desenhos espirituais indígenas. Grupos desesperados por chuva buscaram conhecimento antigo, espíritos e salvação. Nunca foram atendidos. A fé os permitiu viver um tempo maior, onde há esperança, há força. Mas sem água, não há vida. Em meio aos desenhos, ossos. Eles se sacrificaram. Quem foi a escolhida? Qual criança passou por tal sofrimento? Quem foi queimada na fogueira por um Deus que nunca veio?

Observo o horizonte. Fumaça, vapor, sol eterno. O céu é deserto como a terra. Pássaros repousaram no chão pois não enxergavam seu destino. Dormir em árvores era impossível. Sem casa no ar é como se não existissem. Nada além...

Desço a montanha e migro para as estradas adiante. Passo boa parte do dia andando em solo morto. O sensor trabalha em busca de respostas. O fogo consumiu tudo. As principais metrópoles foram as primeiras a serem destruídas. O colapso uniu guerra política, o clima, o excesso de dados. Áreas urbanas acabaram em poucos dias. A tecnologia não deu conta. Viver conectado nunca foi uma escolha.

Alguns estudiosos sugeriram a colonização de outros planetas para a sobrevivência, mas os governos não acreditaram em vida além. Para eles só existia a Terra.

No meu planeta somos ensinados desde cedo sobre a infinidade das coisas, a vastidão de terras, conhecimentos, cultura. As crianças de Coral sabem de outras galáxias, da importância do sol e da preservação. Explorar de forma desregrada traz consequências. Para nós, se você pega um pedaço de gelo da Costa, deve devolver plantando uma Miganha. Pegue o necessário. Ensine.

É claro que temos conflitos. Não somos um planeta perfeito. Se respeitamos a natureza, aliando práticas rurais à tecnologia, por outro lado enfrentamos grupos gananciosos que querem atrair outros planetas ao nosso. Alguns vêem isso como aliança, produção e crescimento. Eu vejo como colonização forçada. Por exemplo, um humano não sobreviveria em Coral por dez minutos. A verdade de Coral não é a única.

À noite o calor continua. Estou em outra cidade, perto de um vale. Meu corpo começa a exibir sinais de cansaço. Tiro da mochila um saco de dormir. Peço ao sensor indicação de um local seguro e ele indica a descida do vale, entre duas pedras. Repouso durante três horas. Penso no

chá de alga de minha companheira, no bolo gelado, nos seus abraços. Na última vez que transamos nossos órgãos sexuais mudaram diversas vezes.

Gemidos, risos, gritos. O prazer inteiro. Sinto um pesar. Imploro ao sensor para mostrar uma foto dela. Nile é seu nome. Linda, atenciosa. A máquina responde que não pode. Sei que devo esquecê-la. Quando voltar para Coral, Nile estará morta. A viagem demora anos. Permanecerei a mesma por causa da tecnologia da nave espacial, no entanto, minha amada terá envelhecido 200 anos. A expectativa de vida de um Coralino é apenas 150 anos.

Levanto e ainda é noite. Guardo o saco de dormir e desço o vale. Lá embaixo algumas árvores circundam uma cabana. O sensor ativa. Vida. Como a vegetação aguentou o calor? Percebo então uma tela cobrindo as folhas, os galhos, todo um método engenhoso que protege as árvores. Me preparo para a aproximação. A cabana tem luz?

Me escondo atrás de uma árvore. Lá dentro várias plantas, uma cama, um armário, alguém está deitado. É uma velha. O sensor diz que pelas características ela tem 78 anos, cabelos crespos, pele negra e vive saudável. Saudável? Peço informações, e o sensor explica sobre a área. Exijo mais, e ele me mostra como era o clima antigamente. Não quero dados sobre o local, quero saber sobre ela. O sensor falha.

Amanhece. Como alguém conseguiu sobreviver às catástrofes? A velha acorda, sai da cabana e olha o céu, em busca de algo. Em seguida, prepara um café. A forma como maneja o bule, a lenha, as chamas. O suor escorre em seu rosto. Quem é ela e quais maneiras inventou para preservar as plantas? E o mais incrível... Água. Água! Ao lado da cabana tem um poço profundo onde ela pega água com um balde. Molha o rosto e agradece. Não reconheço as palavras. O sensor também não.

A velha passa a manhã cuidando das plantas, com esmero e calma. O trabalho é minimizar os efeitos do calor e das toxinas no ar. Logo após prepara um pouco de arroz, senta embaixo de uma das árvores e come lentamente. Seu olhar é direcionado para uma vasilha velha no chão, com água suja. Sinto a angústia. O objeto era usado para alimentar o cachorro. O animal que vi morrer. Ela termina de comer e lava os talheres com o mínimo.

Subo para o outro lado do vale, no topo. Encontro um pano amarrado em dois pedaços de madeira. No centro está escrito com tinta preta:

ME AJUDEM! TENHO ÁGUA! No ápice dos conflitos mundiais, aviões de resgate tentaram ajudar populações afastadas, porém a situação ficou caótica. A velha espera a chegada deles? Registro os escritos.

O sensor diz que está na hora de fazer contato. Reviso o idioma da região, a cultura, os modos convencionais de fala, a entonação. Preciso estar preparada para o caos. Desço as rochas íngremes em direção a cabana. A velha aparece na porta e me vê. Suas feições permanecem tranquilas, sem susto aparente. Cogito ser obra de alucinação, mas ela sorri. Ando rápido ao seu encontro e digo para se acalmar. Ela me abraça.

- Como você é diferente. - Minha pele é tocada. - De onde veio?

- Do planeta Coral, há anos de distância. Estou em missão no planeta Terra. - Digo de maneira mecânica. - Estamos em busca de vida consciente.

A velha me olha estranho, depois vejo um olhar de dúvida. Minha aparência não é o problema, e sim, as circunstâncias.

- Faz muito calor agora, vamos pra dentro. - Sentamos à mesa.

As inúmeras plantas refrescam o lugar. Nas paredes escritos, frases, orações. Pergunto o que significam, e ela responde que é sua história. Lembranças de parentes, as primeiras palavras que a filha disse, casos do passado. Disse que é uma forma de permanecer esperançosa, o espaço da memória, a fuga dos acontecimentos reais.

- Aceita água?

- Não tenho sede. Guarde.

- Essas estradas dão cansaço. Você é resistente.

- Todos em Coral são. Mas e você? Há quanto tempo está aqui?

- Sempre morei neste lugar. Com as guerras, a falta d'água, todos se foram, mas eu não quis ir.

- Porque?

Ela aponta um retrato na parede. Uma mulher forte, sorridente, com olhar marcante.

- Minha mãe dizia que debaixo dessa casa tinha um tesouro. Que nossas antepassadas escolheram esse lugar por isso. Os parentes não acreditavam, meus filhos esperavam por dinheiro, meu marido chegou a cavar, mas como não achou ouro, desistiu. Todos eles foram embora quando o fogo veio. Pedi que ficassem comigo, que eu resolveria a situação, só que não deu certo. Fiquei sozinha. Demorei um tempo,

trabalhando. O tesouro era a água... A nascente lá embaixo. O fio de salvação. O poço ali é a vida.

O sensor não consegue explicar como a nascente sobreviveu a seca.

- Eles não vão voltar... Eu sei. De início esperei por ajuda, depois procurei por outros grupos isolados... Não têm ninguém por perto. Mas será que existe gente no resto do mundo?

Não respondo.

- Sinto falta de ver araras. Estranho. De todos os pássaros, tenho mais saudade das araras.

- Elas foram extintas.

- O que vai acontecer agora? - A velha questiona.

- O sensor irá registrar as histórias. Faz parte do estudo.

- Você é a ajuda?

- Não posso levá-la à Coral. Não agora. O que posso oferecer são recursos para sobreviver mais tempo.

Tiro da mochila instruções de uma tecnologia que purifica o ar.

- Agora que sabemos que existe vida consciente neste planeta, outros virão.

- Quando?

Mesmo que a próxima equipe saia de Coral agora, demoraria no mínimo 100 anos.

- Logo...

- Quer comer algo comigo?

- Claro.

A velha mexe nas panelas. A medida que organiza os ingredientes, conta casos emocionantes de sua família. Quando era nova escutava as histórias da bisavó, da tataravó, do lugar onde nasceu e se firmou: Itapema. Escutou sobre Zula de Itapema, Maria Silveira, a ancestral que tinha entrado no fogo. Mulheres fortes de sua família. Escreveu sobre essas coisas num diário para que outras lessem. E assim os causos passaram de geração em geração, até ela, até o hoje.

A velha termina a fala com lágrimas nos olhos. Comemos. Escuto outras histórias. O sensor arquiva, grava, registra. Fico impressionada com a infinidade de acontecimentos e curiosa com a maneira simples que vive. Não há nada sofisticado.

- Obrigada... Preciso ir. - Ajudo a lavar as louças, em seguida, a abraço.

- Te espero de volta.

Caminhamos pra fora da cabana. Olhamos o céu. Daqui há alguns minutos estarei voando. Minha missão de coletar informações depois das catástrofes estava cumprida. Estamos repletos de dados sobre o clima, o solo, a água, o que aconteceu. Os programadores de Coral enviam mensagens para o sensor nos pedindo para partir imediatamente. A nave pousa no topo do vale.

- Tem certeza que não posso ir? - Ela pergunta.

- Ainda não. Se prepare para novas chegadas. A qualquer momento outros como eu virão. Você não está sozinha no universo.

Apenas neste planeta.

- Até mais. Obrigada pelas instruções. - A velha sorri e acena.

Me despeço uma última vez e caminho rumo a nave espacial.

Quero poder levá-la.

O sensor envia uma foto dela para Coral com a legenda:

“O último ser humano do planeta Terra.”
